



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

SUR LE CHEMIN DE L'ÉCOLE (2013)
A Caminho da Escola

de Pascal Plisson

Realização: Pascal Plisson / Argumento: Marie-Claire Javoy, Pascal Plisson / Fotografia: Pascal Plisson, Simon Watel / Som: Boris Chapel / Música: Lauren Ferlet / Direção de arte: Pascal Plisson, Simon Watel / Montagem: Sarah Anderson, Sylvie Lager / Com: Jackson Saikong, Salomé Saikong, Zahira Badi, Noura Azaggagh, Zineb Elkabli, Carlito Janez, Micaela Janez, Samuel J. Esther, Gabriel J. Esther, Emmanuel J. Esther / Produção: Antonio Levesi Cervi, Lucile Moura, Claire Patronik / Cópia: digital a cores / Duração: 77 min / Estreia mundial: 12 de junho 2013



Ir à escola é para a maioria das crianças do ocidente uma banalidade, que requer “*apenas*” o esforço de enfrentar o trânsito no banco de trás do carro ou a confusão dos transportes públicos, cumprir horários e estudar. Suspeitamos até que para muitas crianças e jovens das classes e regiões mais acolhoadas do globo, a escola seja um dever maçador. Sem intenção de fazer um contraponto moralizante, porque a escola deve ser mesmo uma banalidade eventualmente maçadora, certo é que para muitas outras é ainda um horizonte de privilégio, que requer muito esforço. SUR LE CHEMIN DE L' ÉCOLE de Pascal Plisson dá testemunho desse esforço.

Jackson de 11 anos e a irmã Salomé do Quênia percorrem duas vezes por dia quinze quilómetros em cerca de duas horas, passando por territórios frequentados por animais selvagens. Em Marrocos, Zahira percorre a pé, com duas amigas, um caminho de quatro horas pelas montanhas do Atlas até à escola interna, de onde volta no fim-de-semana. Carlitos e a irmã Micaela percorrem mais de dezoito quilómetros a cavalo pela planície da Patagónia. Na Índia, Samuel, um rapaz com paralisia, é transportado numa cadeira de rodas improvisada pelos irmãos mais novos, Gabriel e Emmanuel, por um caminho acidentado de quatro quilómetros.

O filme de Plisson traduz em cinema o quotidiano esforçado destas crianças e a fé das famílias e das próprias no papel da escola enquanto elevador social. E de facto, onde quer que a escola seja um bem escasso, onde quer que seja ainda um privilégio de classe, quem a frequenta tem uma vantagem assinalável. Estas crianças e famílias representam-se a si e a todas aquelas que apostam na escola para quebrar o ciclo da pobreza. Mas o potencial político do filme – exemplo inspirador para a vida de outras crianças e famílias - cabe só nos limites do Sul Global. No ocidente ou no dito mundo desenvolvido, a escola já perdeu esse efeito de trampolim e nivelador social, as vantagens comparativas jogam-se noutros campos, noutros níveis de ensino e noutros capitais.

SUR LE CHEMIN DE L' ÉCOLE retrata um quotidiano difícil, mas não um quotidiano de miséria. As crianças brincam, as famílias são ternas e cuidadoras. Plisson antes de nos *pôr a caminho*, apresenta-nos o círculo familiar dos miúdos no lazer, no trabalho e à mesa, num retrato tanto íntimo quanto etnográfico. E esse retrato é positivo: crianças e famílias exemplares! Não só as famílias são exemplares como os cantos remotos onde vivem são muito belos e essa beleza é tão enfatizada quanto a dureza do caminho para a escola. E este é um dos pontos sensíveis do filme que, apesar de distinguido pela Academia Francesa com o César para melhor documentário em 2014, foi por muitos (crítica e alguns espectadores em espaços de opinião) acusado de estetizar realidades que deveriam ser combatidas e não glorificadas, ou, acusação mais benigna, de ter escolhido entre muitas histórias exemplares, aquelas que “moravam” em espaços cinematográficos. Outro ponto de controvérsia foi a falta de verdade do documentário por ser demasiado encenado, demasiado estetizado: fotografia e enquadramentos primorosos.

A discussão sobre a suposta falta de verdade de documentários “encenados” é antiga. Já a primeira longa-metragem documental, *NANOOK, O ESQUIMÓ* de Robert Flaherty (1922) foi acusada do mesmo. E, sim, pode dizer-se sem hesitação que este documentário é encenado, mas a encenação não o torna falso. É sabido que a vida humana não se dá à câmara “ao natural”, a câmara age sobre o que observa, ora paralisando-o, ora dando-lhe pose. Muitas vezes, para se captarem rotinas, a forma mais justa poderá ser mesmo a “encenação” do quotidiano e até uma encenação com algum “pathos” à mistura, para agarrar o espectador com os artifícios da ficção. Será essa, muito provavelmente, a natureza de episódios como os dos elefantes que assustam Jackson e a irmã, as dores de tornozelo de Noura, a pedra no casco do cavalo de Carlitos, o pneu furado da cadeira de rodas, etc. Em todo o caso, episódios ficcionais passíveis de terem acontecido muitas vezes, mas não necessariamente no dia e hora da rodagem. Plisson opta por contar estas histórias com o aparato visual do *National Geographic*, outros realizadores menos dados ao cartão-postal poderiam ter escolhido outros exemplos menos fotogénicos, mas a encenação, em maior ou menor grau, estaria sempre presente.

Plisson é um realizador autodidata. Trabalhou em reportagem para a televisão, viveu vários anos no Quênia e na Tanzânia na década de noventa e especializou-se em documentários sobre o continente africano, exibidos pelos canais National Geographic, BBC e Canal+. A sua primeira longa-metragem, o filme de ficção *MASSAI*, resultou da relação estreita que foi construindo com esta comunidade ao longo do tempo, nas várias *repérages para* filmes sobre o mundo animal. Bem acolhido pela crítica, não foi objeto do mesmo entusiasmo pelo público. A consagração na bilheteira chega uns anos mais tarde, exatamente com o filme *SUR LE CHEMIN DE L'ÉCOLE*, O sucesso do documentário entre o público e sobretudo entre a comunidade escolar deu origem a uma extensão televisiva na France 5 em 2015 e a uma associação homónima que ajuda crianças a frequentar a escola e cujos primeiros beneficiários foram os protagonistas do filme. O ensino e a inclusão, com recurso a histórias exemplares, voltaram a ser tema em filmes posteriores: *GOGO*, 2020 e *WE HAVE A DREAM*, 2023.